

FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Maria Eridan da Silva Santos; Kaiza Maria Alencar de Oliveira; Cristiane Fátima Costa Freire;
Zênia Regina dos Santos Barbosa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – eridan.santos@outlook.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – kaizaalencar@yahoo.com.br; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – crisninem8@hotmail.com ;
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – zeninha30@yahoo.com.br;

Resumo: Nessa pesquisa trazemos algumas discussões sobre os variados desafios da prática pedagógica do professor da Educação de Jovens e Adultos, enfatizando à formação continuada como um dos princípios para o exercício da sua prática de sala de aula. Primamos também, pelo processo do ensinar e aprender na construção do conhecimento, dando um destaque especial ao papel do educador de jovens e adultos e os saberes indispensáveis a sua prática, ou seja, o perfil do educador da EJA. Compreendemos que a Educação de Jovens e Adultos exige um planejamento mais sistematizado e seletivo que priorize o que é indispensável para o aluno aprender e o que é realmente pré-requisito para avançar de um nível para o outro. Estamos desafiando uma nova prática, discutimos posturas que venham atender a diversidade de situações, condições, causas e consequências que justificam o atraso escolar dos jovens e adultos.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas. Práticas pedagógicas. Educação de jovens e Adultos

INTRODUÇÃO

Exercer a profissão de professor hoje, implica fazer parte de um processo de gradativo e contínuo, crescente e cada vez mais qualificada construção de uma identidade, edificada ao longo de diferentes épocas e fases do ciclo de formação profissional; é investimento permanente na construção de competências, tanto do docente, quanto dos alunos, que completam numa totalidade harmônica, as dimensões técnica, estética, política e ética necessária à realização do ser humano em sua plenitude. Para isso, Enricone (2002), coloca que se faz necessário, que o professor questione a sua prática; busque melhor qualidade de vida, enriquecendo os conhecimentos do cotidiano, assumindo a responsabilidade social da educação; dialogue com a incerteza e aceite que é preciso constantemente aprender a ser um eterno inovador.

O professor na sua função de inovador e mediador da interação, faz-se necessário a análise de sua função na relação pedagógica diante do paradigma educacional, para que a atuação em sala de aula ou em outro espaço educativo, venha realmente de forma criativa, buscando como objetivo final a construção coletiva do conhecimento.

Considerando o avanço desenfreado da ciência e da tecnologia não se pode mais conceber um professor passivo, acomodado diante de tantas transformações, continuando a exercer sua

função de forma estanque, monótona e precária frente aos desafios sociais. Para Perrenoud (2001, p. 44), “O profissional do ensino é praticante reflexivo. Ele revê mentalmente o seu trabalho e a sua situação por ele organizada e vivenciada, ou que está sendo preparada para otimizar o conjunto de seus atos [...]”.

Isso não é fácil, pois, se constata as sérias dificuldades muitas vezes enfrentadas pelos professores que se conceituam suficientemente preparados, por terem uma formação inicial, por não se abrirem para as inovações, exercitando uma prática pedagógica tradicional, em que o professor ocupa o lugar de transmissor, de dono do saber, e o aluno, mero receptor.

Objetivamos com essa pesquisa de cunho bibliográfico, discutir a formação docente numa perspectiva de continuidade, dando ênfase ao professor da Educação de Jovens e Adultos. Essa formação continuada deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios que os possibilite a formação de um autônomo e que lhes oportunize uma formação que vise tanto o lado pessoal como o profissional, com vistas à construção de sua identidade em ambos os aspectos. Para Nóvoa (1995, p.25), “O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor [...]”. Urge por isso, encontrar espaços de interações entre essas duas dimensões: pessoal e profissional, permitindo com os seus processos de formação um sentido na sua história de vida.

Entendemos que o professor não apresenta somente o valor do conhecimento num determinado tempo histórico, sua identidade consiste em uma justaposição de papéis sociais que cada um vai representando no decorrer da vida, como filho ou pai, como homem ou mulher, como aluno ou professor. O professor é um mediador do saber, um socializador do saber sistematizado. Isso implica em autonomia reflexiva e responsabilidade profissional tanto quanto pessoal, pois, para construir valores e princípios éticos, necessariamente precisa-se executá-los.

Nesse sentido, propomos aqui uma discussão que venha enriquecer o aparato teórico em torno da problemática da formação do professor, em especial o docente que atua na Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, partimos do pressuposto de que o novo paradigma educacional e a nova concepção de aprendizagem exigem dos profissionais da educação novos saberes, postura crítica, bom senso, diálogo e compreensão. Isto é, que realmente a prática do professor atenda às necessidades do aluno na sua totalidade. É preciso que ele demonstre segurança, amor, respeito, afetividade, alegria e bem-estar. Como diz Freire (2001, p. 160), “[...] A atividade docente de que a discente não se separa, é uma experiência alegre por natureza”.

Com isso acreditamos que para exercer a função de professor progressista, que objetiva a formação do cidadão atuante, deve-se ter consciência de que o trabalho do professor deverá ser pautado na humildade, simplicidade, autonomia de saberes e na convicção de desempenho na especificidade humana.

ENSINO E APRENDIZAGEM: NEM SÓ ENSINO, NEM SÓ APRENDO

O processo ensino aprendizagem por muito tempo centrava-se no professor que era visto como o dono do saber, capaz de transmitir conhecimento para o aluno, que era um mero receptor, considerado incapaz de pensar. Um ser de mente vazia, pronto para receber as informações, onde sua única função seria acumulá-las. Tal prática conduzia o aluno apenas à uma aprendizagem mecânica repetitiva, fragmentada, sem muito significado, por isso, facilmente esquecida.

Toda essa prática pedagógica tradicional, por consequência reducionista das capacidades do aluno, não dava importância nenhuma ao conhecimento prévio dele, adquirido no seu meio de convivência, pelas suas atividades cotidianas, pela experiência com amigos, vizinhos, ambientes de trabalho. Como também ignorava as emoções expectativas e necessidades. Ensinar dessa forma, de acordo com Antunes (2002, p. 39), “Não é ensinar; quem aprende assim apenas pensa que aprendeu. Discurso descontextualizado, centrado nos saberes de quem fala, ignorando a cultura de quem ouve, constitui função que qualquer ser humano pode cumprir [...]”.

Compreende-se então que o ensino não tem sentido se tiver distante da realidade do aluno, se desprezar tudo que o discente acredita e conhece, tudo que aprendeu ao longo da vida. Pois, é esse conhecimento que serve de base para os novos conhecimentos, os quais, no processo de construção, atribuirá sentido. Para que isso aconteça, o aluno precisa descobrir gradativamente como construir seus conhecimentos, como aprender de forma significativa, como construir novos saberes sobre os que já detêm. E essa construção não se dá de forma solitária, é um processo conjunto, compartilhado entre professores e alunos. Se constrói pela troca, pelo diálogo, pela interação.

Tal maneira de ensinar oportuniza ao aluno conquistar, adquirir sua autonomia de pensamento na resolução de suas tarefas, na transformação de informação em conhecimentos, na interpretação de fatos sociais, na utilização e transformação dos conceitos, na prática de determinadas iniciativas, enfim, frente aos desafios que se apresentam na sociedade e meio de convívio.

Então acredita-se que para que o professor possa desenvolver no seu aluno o senso crítico, essa autonomia de ação e pensamento, necessariamente precisa estar consciente e preparado para desenvolver ações pedagógicas numa perspectiva criadora e reflexiva, o que exige do professor uma sensibilidade às mudanças da sociedade. Isto é, exige professores dinâmicos e competentes, com habilidades e conhecimentos multidisciplinares e interdisciplinares, um professor capaz de favorecer ao aluno situações desafiadoras e estimuladoras de aprendizagem, ou seja, ver o aluno como um ser social que atua nas mais variadas situações.

Conforme diz Perrenoud (2001, p.151), ao discutir as competências para ensinar, referindo-se ao enfrentamento dos deveres e dilemas éticos da profissão, afirma que a “a educação é tomada em seu sentido integral, na medida do possível utilizando-se das ferramentas dos conteúdos que ensina [...]”. Para o autor, imaginar que os alunos saiam da escola dominando mecanicamente apenas os saberes inerentes aos currículos significa voltar às costas para os problemas sociais, como: o vandalismo, a discriminação, a corrupção, o desemprego, a violência, entre outros, que estão no centro da necessidade formativa dos educandos.

Assim é nesse contexto, que permeia nossa realidade, não existe mais espaço para professores que trabalham conteúdos específicos e descontextualizados, pois, os valores éticos e morais de solidariedade, afetividade, verdade, cooperação, interação, coletividade, respeito, liberdade, direitos e deveres do e para com o cidadão constituem responsabilidades de todos, em especial da escola, que tem o objetivo de formar o cidadão para o mundo, e essa formação precisa está condizente com as necessidades reais de vivência em sociedade.

A partir desse desafio, cabe ao professor discutir na escola em coletividade e, definir projetos comuns visando uma ação educativa mais ampla, mais significativa, onde os participantes sejam construtores, cada um com sua especialidade, mas, observando a diversidade da clientela. Com esse tipo de prática o professor adquire competências para atender as múltiplas inteligências do alunado e as necessidades de aprendizagem, para que exerçam verdadeiramente a prática de cidadania.

Nessa perspectiva, Antunes (2002, p. 48), afirma que, “[...] nenhum professor pode ensinar um aluno a ser capaz, mas pode ajudá-lo a se descobrir capaz”. Compreendemos, a partir do pensamento da reflexão do autor, que o professor precisa oferecer aos alunos oportunidade para que possam desenvolver as capacidades motoras, cognitivas e emocionais, ensinando-os a aprender a pensar: refletindo, questionando, pesquisando, descobrindo, estudando e se auto avaliando, conhecendo a si mesmo, sendo autor de suas próprias estratégias e meios, sabendo conviver e

relacionar-se com os outros, tornando-se um ser capaz de expor e usar com clareza as ideias que cria e aprende na vida cotidiana. Para Delval (1998, p. 14):

A capacidade de pensar e se desenvolver naturalmente quando se vive em um meio social adequado é necessária para essa vida em sociedade, já que, para participar desse contexto é preciso pensar. O que ocorre é que a capacidade de pensar, sobretudo de pensar abstratamente, pode ser desenvolvida, estimulada, aperfeiçoada, o que requer certo treinamento e aí, entra a escola e toda educação formal.

De acordo com a reflexão acima, é possível apontar que é diante dessa responsabilidade que o professor entra com a sua contribuição enquanto mediador, orientador de situações necessárias para que os alunos aprendam, tornando-se assim muito mais do que um mero transmissor do conhecimento, atuando como uma ponte segura entre o educando e a aprendizagem.

Diante do exposto acima, a formação continuada do profissional da educação é imprescindível para que realmente o seu objetivo seja alcançado. Essa consciência, será estímulo para o professor buscar os mais variados meios de formação continuada que deverão atuar como via de acesso para que possa exercer verdadeiramente o seu papel de educador crítico reflexivo, acompanhando as mudanças e os avanços sociais.

SABERES INDISPENSÁVEIS À PRÁTICA DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:

O papel que o professor exerce hoje é primordial na formação do indivíduo. Ao se levar em consideração a função social da escola, que é viabilizar e sistematizar o saber elaborado, que é acumulado historicamente na construção da sociedade pelos homens e trazidos para sala de aula pelos jovens e adultos, pode-se afirmar que o professor é o elo entre os saberes trazidos pelo aluno e os saberes construídos em sala de aula. Essa forma de ensinar exige do professor competências que, Perrenoud (2001, p.14), denomina de competências docentes tais como:

Organizar e dirigir situações de aprendizagem; administrar a progressão das atividades; conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho; trabalhar em equipe; participar da administração da escola; informar e envolver os pais; utilizar novas tecnologias; enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão; administrar sua própria formação continuada.

Fazendo uma reflexão sobre cada uma dessas competências percebe-se que elas oferecem abertura a um leque de possibilidades, mobilizam a prática educativa, abrem novos horizontes integrando saberes. A prática educativa pautada nessas competências requer atenção para a sua abrangência e complexidade, pois, cada uma traz implícitas outras competências bem mais específicas que requerem ações relativamente adaptadas a cada situação.

Falando de competências e habilidades, Imbernón (2001, p. 33), corrobora com essa ideia quando afirma que “[...] é necessário possuir diversas habilidades profissionais que se interiorizem no pensamento teórico e prático do professor mediante diversos componentes entre os quais a formação como desenvolvimento profissional a partir da própria experiência”. O professor precisa resgatar a credibilidade e valorização enquanto profissional, amenizando ou até mesmo acabando com a coisificação na qual se encontra hoje. Essa coisificação na concepção de Silva (2000, p. 21), “[...] significa triturar a sua consciência de modo a impedi-lo de exercer a prática da liberdade; significa mais especificamente, afastar sua possibilidade de luta por uma concepção de vida e de homem”.

A inserção dos jovens e adultos no processo de desenvolvimento como cidadãos produtivos demanda ações educativas inovadoras e questionadoras. Requer um educador na perspectiva de Freire (2001), que afirma que ensinar exige entre outros aspectos: “[...] rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criatividade estética e ética; corporeificação das palavras pelo exemplo; risco; crítica sobre a prática; consciência do inacabamento competência profissional e generosidade”. Todos esses tópicos precisam estar presentes e ativos na prática pedagógica de um docente que trabalha nas salas de aula de Educação de Jovens e Adultos.

A clientela da Educação de jovens e adultos é bastante diversificada, a maioria com passagem fracassada pela escola, por isso a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que requer do professor qualidades especiais e essenciais para o exercício em sala de aula. Sobre essa perspectiva, Moura (1999, p.179) traz o seguinte enfoque:

O professor desafia o nível em que o sujeito está, não desrespeitando seus conhecimentos e experiências anteriores, mas, tendo o olhar para o futuro, para as capacidades que desenvolverá, possibilitando a socialização das experiências culturais acumuladas historicamente pela humanidade e, conseqüentemente responsáveis pela formação do acionamento das zonas de desenvolvimento proximal dos alunos.

Nesse sentido, faz-se necessário que o professor da Educação de Jovens e Adultos tenha consciência de que é um agente da transformação social, e como tal, pode pela educação combater

as atitudes de discriminação manifestadas em gestos, comportamentos e palavras que comprometem a autoestima do aluno. Tais atitudes, podem contribuir para a não aprendizagem do aluno, já que esta, se dá também pela “[...] relação educacional que é essencialmente recíproca, é uma troca de experiência” (PINTO, 2000, p. 116).

Para que o professor de jovens e adultos trabalhe nessa perspectiva, precisa compreender-se como um ser inacabado, e acreditar que a prática reflexiva dá espaço para igualdade entre professor e aluno. Essa igualdade implica na valorização dos saberes de cada indivíduo ou grupos sociais envolvidos no processo, promovem o conhecimento mútuo, desenvolve o senso de justiça, solidariedade, liberdade, diálogo e, portanto, a democracia.

CONCLUSÃO

Ao nascer, o ser humano traz um repertório de capacidades bastante reduzido em comparação com o que virá adquirir no seu meio de convivência. Essas capacidades vão se desenvolvendo e sendo ampliadas gradativamente, superando o estágio de dependência inerente ao bebê nos primeiros anos de vida.

Por toda a vida, é envolvido nesse processo de mudanças sociais, que o homem também aprende a sua ocupação profissional. Aprende a desempenhar seu trabalho, com tudo que esse trabalho abrange: atitudes, hábitos, procedimentos e valores. Parte dessa aprendizagem, em relação ao seu campo profissional é obtida no dia-a-dia, nas relações de trabalho e na vivência.

Falando de professores, uma parte fundamental, mesmo que insuficiente dessa aprendizagem advém da sua formação inicial e específica para desempenhar o trabalho docente. Tudo o que se é, o que se faz, é resultado dessa dinâmica de vida social incluindo os aspectos pessoais e profissionais do indivíduo. Nóvoa (1995, p. 31), justifica o que foi dito anteriormente quando diz que: “[...] ser professor obriga opções constantes que cruzam nossa maneira de ser com nossa maneira de ensinar e que desvenda na nossa maneira de ensinar, a nossa maneira de ser”.

A identidade do professor define-se num equilíbrio entre a pessoa e o profissional e, ambos precisam estar abertos para novos e constantes aprendizados, que possibilitem aos professores acompanhar os avanços tecnológicos e científicos e por consequência as transformações sociais.

Diante disso, podemos dizer que a formação continuada oferece ao professor novos sistemas de trabalho e novas aprendizagens para exercer sua profissão, reconhecendo-se como agente social, capaz de planejar e gerar um ensino aprendizagem de melhor qualidade. Concordamos com Veiga

(1998), quando discute que, hoje a formação continuada merece uma atenção especial no campo da educação, principalmente na formação de professores, essa formação deve ser concebida como um processo dinâmico por meio do qual, ao longo do tempo, um profissional vai adequando sua formação as exigências de sua atividade profissional.

Portanto, pensamos que o professor da Educação de Jovens e Adultos deve sim priorizar a sua formação continuada para que possa dar conta da clientela e de suas necessidades de aprendizagem que são emergentes, dado o déficit educacional que a sociedade tem com esses jovens e adultos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Novas maneiras de ensinar; Novas formas de aprender.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

INBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MOURA, T. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos.** Contribuições de Freire, Ferreiro e Vigotsky. Maceió/AL: Editora EDUFAL, 1999.

NÓVOA, A. **O professor se forma na escola.** Lisboa, 2001. Nova escola, ano XVI, nº 142, p. 12/14-maio/2001. Entrevista concedida a Paola Gentile.

PERRENOUD, F. **Novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed. 2000.

_____. **Formando professores profissionais. Quais estratégias? Quais competências?** Ed.2. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PINTO, A.V. **Sete lições educação de adultos.** 11 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA, J.F. **Perspectiva da educação popular na década de noventa.** (UFPE) Em aberto, Brasília, ano11, nº 56, out/dez, 1992.

Veiga, J.P.A. **Caminhos da profissionalização do magistério.** Campinas/SP: Papyrus, 1998.